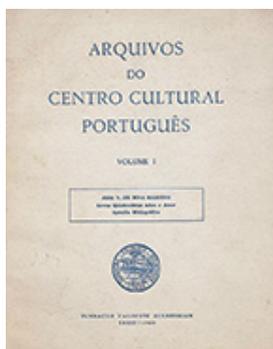


# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



*Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, França (1969-2005)

Atendendo ao disposto no testamento de Calouste Sarkis Gulbenkian, onde se especificava que a acção da Fundação por si instituída dever-se-ia exercer em Portugal e noutros países onde se julgasse conveniente, seria criado, em 1965, o Centro Cultural de Paris. O Centro visava a promoção da cultura portuguesa em França, privilegiando a cooperação com várias universidades daquele país. O seu primeiro director foi Joaquim Veríssimo Serrão, que observou a actividade daquele pólo como uma “embaixada cultural em França” (*Arquivos...*, 1969, p. 9), berço de uma imagem projectada da vida intelectual portuguesa. No seio deste Centro surgiu a necessidade da criação de um órgão doutrinal, que servisse de união entre docentes, investigadores, estudiosos franceses, portugueses e lusófilos espalhados pelo mundo. A ideia, nascida na mente de Joaquim Veríssimo Serrão, concretizou-se em 1969, ano em que se comemorou o centenário do patrono da Fundação Calouste Gulbenkian, durante o qual foi lançado o primeiro número.

Ainda no primeiro volume, esta publicação apresenta-se como “órgão doutrinal e informativo que pretende elevar os valores da Cultura portuguesa” (*Arquivos...*, 1969, pp. 9-10). Um dos seus objectivos fundava-se, pois, na satisfação das aspirações de um grande número de entusiastas da cultura portuguesa, constituindo ideal instrumento de reconhecimento da problemática cultural do seu tempo. Desde a sua fundação, mimetizando os objectivos do Centro Cultural de Paris da Fundação Calouste Gulbenkian, esta revista pretendeu complementar as suas actividades, impondo a presença junto das universidades, academias, bibliotecas e outras instituições de carácter literário ou científico. A publicação pretendia constituir um veículo de divulgação, desejando “servir, o melhor possível, a política de aproximação luso-francesa no campo da arte, da ciência e da educação” (*Arquivos...*, 1969, p. 9). Uma divulgação centrada numa mensagem inscrita num pensamento cultural, “desenvolvendo o ambiente da lusofilia, estimulando as suas correntes mais expressivas” (*Arquivos...*, 1969, p. 9), de forma a tornar mais amada e mais conhecida a cultura portuguesa no mundo.

Como uma “colectânea erudita”, nas palavras do director e fundador da revista, Joaquim Veríssimo, encontramos nas páginas de apresentação a tipificação do público a quem se destinava: “um cada vez maior número de lusófilos” (*Arquivos...*, 1969, p. 9). Como tal, tratava-se de uma publicação dirigida a



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

investigadores de formação superior com interesse voltado para ciências humanas. Esta revista surgiu num período em que se observou, em Portugal, um surto de revistas de história, essencialmente publicadas no âmbito de universidades e centros de investigação, geralmente suportadas por investigadores, facto que sublinharia a redução do conceito e do acesso à cultura a uma elite restrita e especializada. Como publicação especializada de cultura, interdisciplinar, operava em circuito fechado.

Ao longo dos primeiros 24 anos de existência, a revista foi dirigida pelos quatro directores do Centro Cultural Português em funções durante o período homónimo. O primeiro director e fundador da revista foi Joaquim Veríssimo Serrão, entre 1969 e 1972, correspondente à 1ª série da publicação. José de Pina Martins sucedeu a Veríssimo Serrão, permanecendo no cargo durante dez anos, entre 1973 e 1983, correspondentes à 2ª e 3ª séries. Entre 1983 e 1988 foi a vez de José Augusto França dirigir este periódico, num período concernente aos volumes da 4ª série. Por fim, entre 1989 e 1993, a direcção desta revista coube a Maria de Lourdes Belchior, nas suas 6ª e 7ª séries. A necessidade da existência de um órgão doutrinal e erudito de aproximação luso-francesa tornou-se, contudo, realidade algumas décadas antes da publicação dos *Arquivos do Centro Cultural Português*. Precursora, nesta área, terá sido o *Bulletin des Etudes Portugaises*, editado a partir de 1931 por uma parceria entre a Universidade de Coimbra, responsável pela sua coordenação, e o *Institut Français en Portugal*, responsável pela sua redacção. Na sua fase inicial, esta revista era editada três vezes por ano, em Janeiro, Maio e Novembro, compilando artigos originais e inéditos, redigidos na língua francesa, traduções de artigos portugueses dificilmente acessíveis a investigadores estrangeiros e recensões críticas de obras recentes com importância para a cultura portuguesa.

Reunindo artigos nas áreas da filologia e literatura portuguesas, antropologia e arqueologia, história, história da arte e geografia, observou-se, nos primeiros anos, uma preocupação com o peso destas temáticas no total da obra, tratadas de forma igualitária. Preocupação notada, ainda, ao nível da nacionalidade dos autores, igualmente repartida entre portugueses e franceses. É de assinalar o grande espaço e o elevado número de artigos votados às recensões críticas de obras portuguesas, na sua grande maioria levadas a cabo por autores franceses e portugueses, embora ao longo dos anos se comece a notar um predomínio dos primeiros.

Contudo, com o passar dos anos, esta publicação apresentou modificações. No final da década de sessenta, quando o *Bulletin des Etudes Portugaises* e os *Arquivos do Centro Cultural Português* eram simultaneamente publicados, ambos visando uma aproximação cultural luso-francesa, o primeiro apresentava já uma periodicidade anual. Na verdade, nesta época, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian fazia parte, a par com o presidente do Instituto de Alta Cultura, do director da *Diréccion Générale des Affaires Culturelles et Techniques* e do reitor da Universidade de Toulouse, do *Comité de Patronage* do *Bulletin des Etudes Portugaises*. É inegável a existência de um paralelismo entre estas duas publicações. É um paralelismo que se observa nos autores, essencialmente franceses, que partilham a sua colaboração



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

entre as duas revistas, mas também na própria organização das mesmas. No final da década de sessenta, o *Bulletin* apresentava três secções, que também podíamos encontrar nos *Arquivos: Etudes, Chronique des Livres* (dedicada a recensões críticas) e *Collôques et Congrès*. Contudo, na década de setenta, tal como nos *Arquivos*, foram-se adicionando outras secções, com uma referente a homenagens, intitulada *Hommages et Mélanges*.

Ao longo dos vários números, a revista apresenta ilustrações, muitas vezes coloridas, e fotografias. Contudo, com o decorrer dos anos nota-se uma perda de preponderância da imagem no grafismo. Apesar de se tratar de uma revista de periodicidade anual, em alguns anos específicos observou-se a edição de dois exemplares relativos quer a números comemorativos, quer à publicação de índices. A publicação seria composta por 32 volumes, divididos em 6 séries. A 1ª série compreendia os volumes I a V (1969-1972), a 2ª série os volumes VII a XI (1973-1977), a 3ª série abrangia os volumes XIII a XVII (1978-1982), a 4ª série os volumes XIX a XXIII (1983-1987), a 6ª série continha os volumes XXV a XXIX (1988-1991), a 7ª série os volumes XXXI e XXXII (1992-1993). Estranhamente, não existe uma 5ª série, passando-se imediatamente da 4ª série para a 6ª série. Quanto à tiragem, sabe-se apenas que durante a 1ª série, terá sido de entre 800 e 850 exemplares. A publicação iniciar-se-ia com uma média de 600 a 800 páginas, aumentando nos anos seguintes a sua envergadura atingindo, em 1982, mais de 1000 páginas e, em 1987, um número superior a 1100.

Inicialmente, os *Arquivos* eram constituídos por três partes distintas, que constituíam a sua organização-chave. Uma primeira parte, de conteúdo doutrinal, reunia artigos de fundo dos colaboradores, da autoria de mestres universitários, tomando o título de «Parte Doutrinal». Uma segunda parte, de carácter informativo e divulgador, era denominada «Vária», reunindo notas e documentos de comprovado interesse histórico. Por último, observava-se uma parte bibliográfica dedicada a recensões críticas de obras publicadas em Portugal e no estrangeiro com interesse para a história da cultura portuguesa. Outra importante secção, que se manteve inalterada ao longo dos anos, localizada na porção final de cada volume, era intitulada «Actividades do Centro Cultural Português» e reunia o resumo das actividades do Centro em cada ano (concertos, exposições, conferências, publicações e até o movimento da biblioteca).

Até 1971, a «Parte Doutrinal» teve um peso mais significativo, perdendo posteriormente a preponderância até 1984. Durante este período, que concerne à direcção de José de Pina Martins, a «Vária» obteria um maior peso no que era relativo ao número de artigos publicados. No ano de 1983, a partir do qual se daria uma viragem, esta secção reunia o dobro do número de artigos patentes na Parte Doutrinal, o que sugeria uma maior importância dada a artigos de carácter informativo do que propriamente investigacional, ao contrário do que fora objectivado no início da publicação. Contudo, a partir de 1984, os estudos doutrinários ganhavam novo fôlego, ultrapassando a secção informativa, regressando-se ao formato original de 1969, que se manteria até 1993. Em 1985, no volume XXI, seria inaugurada uma nova secção, «Homenagens e Comemorações», que passaria a constituir a porção inicial da publicação, reunindo textos



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

laudatórios a personagens, factos e efemérides essencialmente da cultura portuguesa. Esta secção não se observaria em todos os números subsequentes, registando-se pontualmente, quando a ocasião o permitia. No que era relativo à secção das resenhas críticas podemos observar, ao longo do tempo, uma inconsistente fluidez. Nos dois primeiros anos da publicação registou-se um elevado número de resenhas, que não mais voltaria a ser atingido. A partir do III volume, observamos um declínio desta secção, chegando pontualmente a desaparecer em anos como 1975, 1980, 1981, sendo extinta a partir de 1990. Considerada pelos vários directores como a secção mais pobre, as razões para este desaparecimento após uma sublinhada perda de preponderância no seio da obra, parece centrar-se numa colaboração limitada por parte dos autores, avessos à crítica dos seus pares e numa falta de espaço em mercê da elevada extensão das restantes rubricas.

Lembre-se que do objectivo inicial desta obra, constava a publicação de estudos de história, de literatura e de arte, na sua feição autónoma e comparada, tendo como exclusivo domínio as ciências humanas. Mas a arte foi o que ficou mais aquém. Podemos reparar, no que é relativo à parte doutrinal desta colectânea, que até 1977 registou-se uma grande diversificação de temas abordados. Apesar de a Literatura ter sido sempre uma área fulcral desta revista, durante este período, assinalou-se a publicação de artigos nas áreas da história do livro, da história ultramarina, da história religiosa, da história das ideias, da história da música, da história da arte... Contudo, a partir de 1978 até praticamente ao último número, salvo raras excepções, o tema literário lideraria, ocupando, em certos volumes, um peso muito superior a 50% da obra, o que originaria uma menor diversidade dos temas históricos abordados.

Cerca de 44% dos colaboradores desta revista eram portugueses, seguidos pelos colaboradores franceses, na ordem dos 35%. Esta diversificação foi tornada clara desde 1979, quando o então director da publicação, José de Pina Martins, explicaria a escolha de um maior número de colaboradores portugueses, seguido por um número bastante considerável de investigadores franceses, pelo facto de esta ser uma revista portuguesa e ter a sua sede em França. Se a grande maioria dos colaboradores possuíam nacionalidades portuguesa e francesa, observar-se-iam colaborações de autores de várias outras nacionalidades, estudiosos da cultura portuguesa no mundo: brasileira, espanhola, anglo-saxónica e italiana. Observaram-se, da mesma forma, colaborações pontuais de autores argelinos, arménios, turcos, polacos, belgas, chineses, israelitas, ingleses, holandeses, romenos e alemães.

Este cambiante de colaborações obteve repercussões ao nível do idioma em que os *Arquivos* se apresentavam escritos. Aceitando artigos em várias línguas (português, francês, inglês, italiano) seriam, contudo, as línguas portuguesa e francesa as mais representadas. De facto, uma considerável porção dos colaboradores desta publicação eram lusitanistas, na sua maioria franceses, mas também investigadores espalhados um pouco por todo o mundo. Não será, pois, de estranhar que a grande maioria dos temas abordados por esta publicação se resumam à história da literatura e à literatura, uma zona privilegiada



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

destes estudiosos da cultura portuguesa, resultando em muito dos diversos leitorados espalhados por universidades estrangeiras, direccionados para os estudos literários.

Numa primeira análise, observamos, nesta publicação, uma clara aproximação entre história e literatura, que se torna mais consistente a partir de meados da década de 1970. Tal contiguidade é observável a vários níveis, num interesse pela biografia de grandes cronistas, pela história do teatro, pela história da literatura luso-francesa, pela divulgação de edições desconhecidas de textos literários, pelas análises bibliográficas de autores e algumas descobertas neste campo. Muitas vezes, as obras literárias são percebidas, nesta publicação, enquanto fontes históricas. A literatura transparece como expressão de uma cultura nacional.

Mais do que uma ciência social, nesta revista, a História parece resumir-se a uma disciplina literária, muitas vezes fundindo-se com ela. Observa-se uma transição entre uma história tradicional, de tendência erudita, influenciada pelo estruturalismo, onde o primado das fontes documentais tradicionais e literárias é uma realidade, e uma história que se renova, cultora de um forte sentido crítico. Contudo, no período estudado, mesmo com a presença de um forte número de colaboradores estrangeiros, nomeadamente franceses, não se observa a penetração das grandes correntes historiográficas em voga. O que poderá explicar-se, na maioria dos casos, por uma maior ligação dos colaboradores à literatura do que à história.

A partir de 1994, os *Arquivos do Centro Cultural Português* alteraram o seu título, passando a denominar-se *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, em mercê da alteração da designação do respectivo centro de investigação. Contudo, manteve as características abordadas. Maria de Lourdes Belchior continuou a dirigi-la até 1997, pouco antes do seu falecimento. Em 1999, a direcção da revista passou para as mãos de Francisco Bethencourt. Com o novo director, a publicação alterou por completo a sua organização, passando a estruturar-se em volumes temáticos, redigidos hegemonicamente na língua francesa. Os temas abordados extrapolaram, como sempre o fizeram, a temática histórica, valorizando as perspectivas política, sociológica, cultural, antropológica, literária e artística, observando-se uma clara dispersão de temas. Entre os colaboradores perderam preponderância os portugueses a par de um cada vez maior número de franceses e de outras nacionalidades. A revista deixou de se publicar a partir de 2005.

**Bibliografia:** *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa/Paris, vols. I-XXXII, 1969-1993; *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Lisboa/Paris, vols. XXXIII-L, 1994-2005; BARRETO, António [coord.], *Fundação Calouste Gulbenkian: Cinquenta Anos (1956-2006)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007; *Bulletin des Etudes Portugaises*, Coimbra, Tomos 1-23, 1931-1961; *Bulletin des Etudes Portugaises*, Lisboa/Paris, Tomos 24-32, 1963-1971; RIBEIRO, António Sousa, “O Povo e o Público. Reflexões sobre a Cultura em Portugal no pós-25 de Abril”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº. 18-20, Fevereiro 1986, pp. 11-33; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, “Apresentação”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. I,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Lisboa/Paris, 1969, pp. 9-14; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, “O Centro Cultural Português de Paris: O Meu Testemunho a Vinte e Quatro Anos de Distância”, *Arquivos do Centro Cultural Português: 25 Anos do Centro Cultural Português*, Vol. XVII, Lisboa/Paris, 1990, pp. 3-27; TORRALBA, Luís Reis *et al.*, *História da História em Portugal: Séculos XIX-XX*, [s.l.], Temas e Debates, 1998.

Andreia da Silva Almeida